

PROJETO PEDAGÓGICO

# OS TRÊS PORQUINHOS DE PORCELANA



Rua Tito, 479 – Lapa – São Paulo – SP  
CEP 05051-000

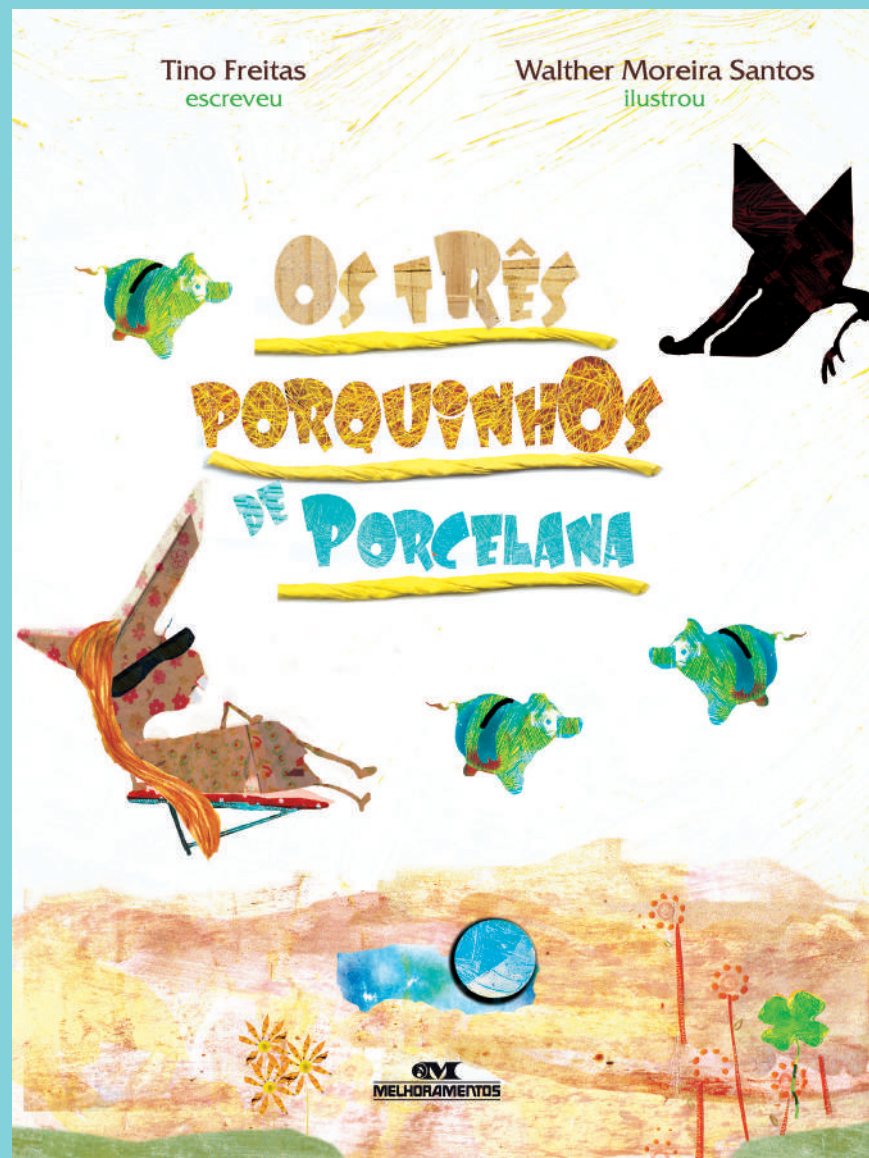
DIVULGAÇÃO ESCOLAR

(11) 3874-0884

[divulga@melhoramentos.com.br](mailto:divulga@melhoramentos.com.br)

[www.editoramelhoramentos.com.br](http://www.editoramelhoramentos.com.br)

[www.facebook.com/melhoramentos](http://www.facebook.com/melhoramentos)



## O autor

Assim como a COELHA dessa história, desejo muito conhecer o mundo. Desejo também fazer amigos. Para tanto, em vez de moedas, economizo palavras que colho com o olhar atento a cada passeio na rua, nas cachoeiras desse imenso Goiás, enfim, nos meus sonhos. Daí, guardo-as na minha cuca maluca, onde nenhum LÔ BOMAU pode alcançar. Um dia deposito-as no papel. Às vezes, esse investimento fica perdido num arquivo do computador e é preciso economizar outras tantas palavras. Outras vezes, uma editora propõe uma troca: minhas economias por um livro. E é aí que começa mais uma viagem. No caso específico desta edição, minhas palavras viajaram até a casa do Walther, em Vitória de Santo Antão. Ainda não viajei com elas. Ainda. Mas já ganhei um amigo. Estou no lucro.

Tino Freitas é um dos integrantes do projeto Roedores de Livros, atuante há mais de dez anos, cujo blog <http://roedoresdelivros.blogspot.com> é um dos mais importantes e acessados blogs de literatura infantojuvenil. Acesse o site: [literatino.blogspot.com](http://literatino.blogspot.com)

## Resumo

A honestidade é vista como um obstáculo por certos indivíduos que querem, a qualquer preço, atingir seus fins.

O objetivo da obra é tornar mais intenso na criança o conceito de honradez em toda e qualquer realização; e, utilizando alguns elementos do tradicional conto de fadas de título similar, Tino Freitas, em uma linguagem moderna e coloquial, cria uma história muito bem contada, divertida e imprevisível no livro *Os Três Porquinhos de Porcelana*, em que os porquinhos são os recipientes nos quais costumamos guardar moedas, e a personagem principal é a Comadre Botelha, a COELHA, que, ao descobrir que suas economias de anos a fio foram roubadas por Lourenço Boulença Maurenço, o LÔ BOMAU, resolve virar o jogo; e em vez de queimar o rabo do lobo num caldeirão da lareira para afugentá-lo de vez, ou matar o trapaceiro, usa inteligentemente a fraqueza moral do bandido para fazer algo mais edificante. Daí o diferencial do conto.

## Ficha

**Autor:** Tino Freitas

**Título:** Os Três Porquinhos de Porcelana

**Ilustrador:** Walther Moreira Santos

**Formato:** 20,5 x 27,5 cm

**N.º de páginas:** 48

**Elaboração:** Regina Polycarpo

## Quadro sinóptico

**Temas principais:** educação financeira e fábulas

**Temas transversais:** ética, trabalho e consumo

**Interdisciplinaridade:**

Língua Portuguesa, Geografia, História, Artes e Matemática

INDICAÇÃO:  
Leitor em  
processo:  
a partir de

8  
anos  
ensino  
fundamental

O texto revela um lobo pobre e invejoso, que, para conseguir o que quer, impõe sua vontade esperneando, gritando, ameaçando e batendo; e ainda quer ganhar dinheiro sem fazer esforço: "...ou simplesmente esperar um descuido da COELHA para roubar a dinheirama. Depois, bastava desaparecer do VALE ÔSO e viver rico e feliz para sempre. Dinheiro mole, fácil, fácil".

Consegue por um tempo, mas, claro, por pouco tempo, porque COELHA, inteligente e pacientemente, fazendo com que LÔ BOMAU, sem perceber, seja produtivo, construindo três casas, uma para cada filha da Comadre Botelha, e lhe devolva moeda por moeda roubada.

E como COELHA consegue essa façanha? Ela sabe lidar com a forma "bisbilhoteira" de ser do LÔ BOMAU: "...interrompeu o passeio, levantou as orelhas e ouviu atentamente por trás do muro".

A narrativa e as ilustrações dialogam entre si e constroem a história em um crescendo tão perfeito que cria uma grande expectativa no leitor: como COELHA consegue reaver todas as suas moedas de ouro?

## Em poucas palavras

Ao ler um título como *Os Três Porquinhos de Porcelana*, a primeira coisa que vem à cabeça é o tradicional conto de fadas em que um lobo mau está faminto e quer fazer dos três irmãos porquinhos uma tremenda refeição.

Entretanto, o domínio literário de Tino Freitas, que dá uma abordagem inusitada e surpreendente à obra, e as ilustrações de Walther Moreira Santos, que oferecem múltiplos olhares e novas possibilidades de leitura, farão deste projeto um valioso instrumento para o professor.

Como não se encantar com uma coelha dotada de inteligência emocional ou com um Lô Bomau estressado, que se acha esperto e se transforma em Lô Bocó?

Tino faz isso: traz uma história bem elaborada e cheia de humor transmitindo princípios de boa conduta, valorizando as virtudes.

A proposta é dar ao educador oportunidades várias de explorar a história, da maneira que lhe for mais adequada, fazendo com que a criança respire a atmosfera da literatura desde a primeira página. Basta entrar no mundo imaginário, mas, garanto, funciona! Bem-vindo!



## Criando uma atmosfera literária

Sempre que se tem um objetivo a alcançar, deve-se ter também a força de vontade necessária para conseguir o que é pretendido.

- Analise o recurso imagético do livro, para que as crianças percebam todo o trabalho que COELHA realiza para juntar as moedas de ouro, as quais seriam utilizadas para viajar pelo mundo e construir uma casa para cada filha.
  - Procure saber dos alunos os lugares que gostariam de conhecer.
  - Traga um mapa-múndi para a sala, de forma que as crianças apontem os países aonde gostariam de ir.
  - Os alunos podem trazer gravuras ou postais das cidades preferidas e montar um painel com curiosidades sobre os lugares.
  - Sugira que façam uma grande árvore com materiais reciclados, para que se pendurem os desejos.
  - Trabalhe com os alunos as maneiras de terem seus desejos realizados.
- e conceitos básicos de economia, que permite à criança compreender a complexidade do mundo econômico de hoje.
- Conheça a obra e trabalhe com os alunos todos os meios de troca que já existiram. O lançamento educativo encontra-se na seção Conhecendo um pouco mais.

Entretanto, lidar com dinheiro não é fácil para ninguém, imagine para as crianças... Gastar tudo até receber outra mesada ou semanada? Guardar um pouco para outras coisas legais? Tudo é uma questão de escolha.

- Discuta o tema com a classe: gastar *versus* economizar.

E o que é o dinheiro? O Banco Central do Brasil publicou uma série educativa, em dezembro de 2002, com textos simples, temas

É hora de falar em dinheiro; afinal, COELHA só realizaria seu sonho com as trezentas moedas de ouro que havia economizado com muito trabalho.

“Para que seu desejo se realizasse, ela precisava juntar trezentas moedas de ouro. Só assim poderia dar a volta ao mundo, visitar lugares distantes, se hospedar em hotéis, passear à vontade em parques de diversões, zoológicos, provar as melhores comidas do planeta, entre outras coisas.”



- Procure saber o que cada criança faria para economizar dinheiro.

Outro aspecto abordado no texto é a forma como LÔ BOMAU se manifesta para conseguir o que quer. Enquanto ele esperneia, bate, grita e ameaça, COELHA lida com as emoções sabiamente. O que não é nada fácil, não é mesmo?

- Procure saber das crianças como elas lidam com as emoções. Peça aos alunos que façam cartelas com os *emoticons* (carinhas com as diversas emoções) utilizados para enviar mensagens pelo computador ou pelo telefone celular e os mostrem como representação dos sentimentos conforme as situações mencionadas pelo professor. Por exemplo:

- quando não entendem o que está acontecendo,
- quando pedem algo e não lhe dão,
- quando levam um tombo,
- quando recebem uma bronca,
- quando veem uma barata,
- quando brigam com um amigo,
- quando ganham um presente,

- quando alguém fala que reclamam de tudo,
  - quando ganham uma festa surpresa,
  - quando não os convidam para uma festinha/brincadeira,
  - quando não lhes emprestam determinado brinquedo.
- Informe-se sobre o que eles mais gostam de fazer e o que menos gostam também.



## Ler por prazer

- Decore a sala com moedas, cédulas e outras coisas que já serviram de instrumento de troca.
- Organize os alunos em círculo.
- Sugira algum comentário sobre o título.
- Aproveite a oportunidade para fazer uma intertextualidade com o conto infantil “Os três porquinhos” e apresentar o vídeo do site: [www.dese-nhosanimados.tv/tres-porqui-nhos-lobo-mau/](http://www.dese-nhosanimados.tv/tres-porqui-nhos-lobo-mau/).
- Fale sobre os pontos comuns entre o vídeo e a história que vão ler: trabalho, preguiça, esperteza, honestidade e outros.
- Mostre as ilustrações e faça com que os alunos interpretem as imagens.
- Leia uma página e desperte a curiosidade para a página seguinte.
- Será que as crianças teriam outra maneira de reaver as moedas de ouro e dar um final diferente à história? Ouça com atenção o que elas têm a dizer.

“LÔ BOMAU enlouqueceu. Desceu a montanha de uma vez e só parou para descansar quando chegou ao VALE NADA, onde passou a fazer companhia ao DOIDU ENDE. Agora, quando ele passa pela praça, todo mundo acha graça e sempre há quem diz:  
– Pessoal, lá vai o LÔ BOCÓ.”

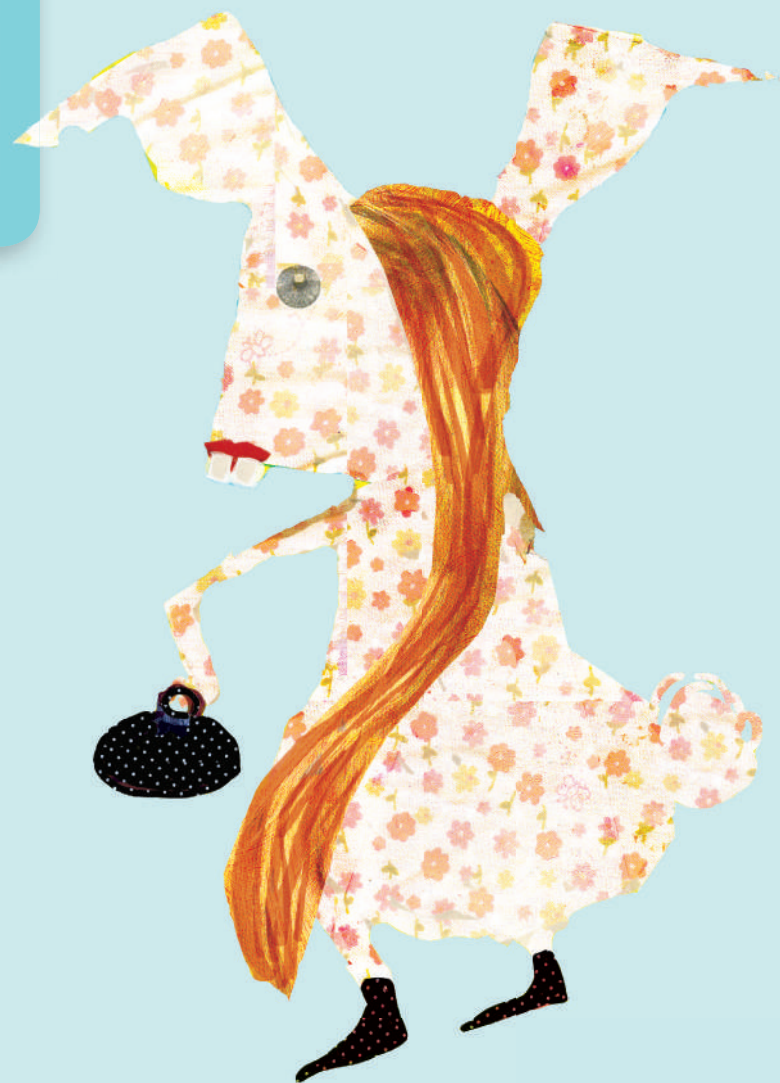


Vendem-se Abóbora



- Utilize um dos ditados populares referentes a dinheiro, de escolha dos alunos, para a produção de texto, com desenhos, colagens, fotos e outros tipos de ilustração:
  - De grão em grão, a galinha enche o papo.
  - Nem tudo o que reluz é ouro.
  - Quem tudo quer nada tem.
  - Quando a esmola é demais, até o santo desconfia.
- Solicite uma pesquisa sobre a história das moedas no Brasil.
- Organize uma feira de trocas de objetos (os alunos podem utilizar cédulas ou moedas desenhadas em cartelas ou, ainda, outras coisas que sirvam de meio de troca – o objetivo é treinar a negociação honesta).
- Peça aos alunos que produzam uma peça teatral para recontar a história, utilizando máscaras ou fantasias confeccionadas por eles. É uma oportunidade para a família acompanhar o aprendizado.

“É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula.” (Fanny Abramovich – pedagoga e escritora de livro infantil e juvenil.)



## Conhecendo um pouco mais

### História do dinheiro

As moedas e as notas, usadas para comprar quase tudo de que você precisa ou que você quer (comida, roupas, brinquedos) são uma invenção recente na história da humanidade.

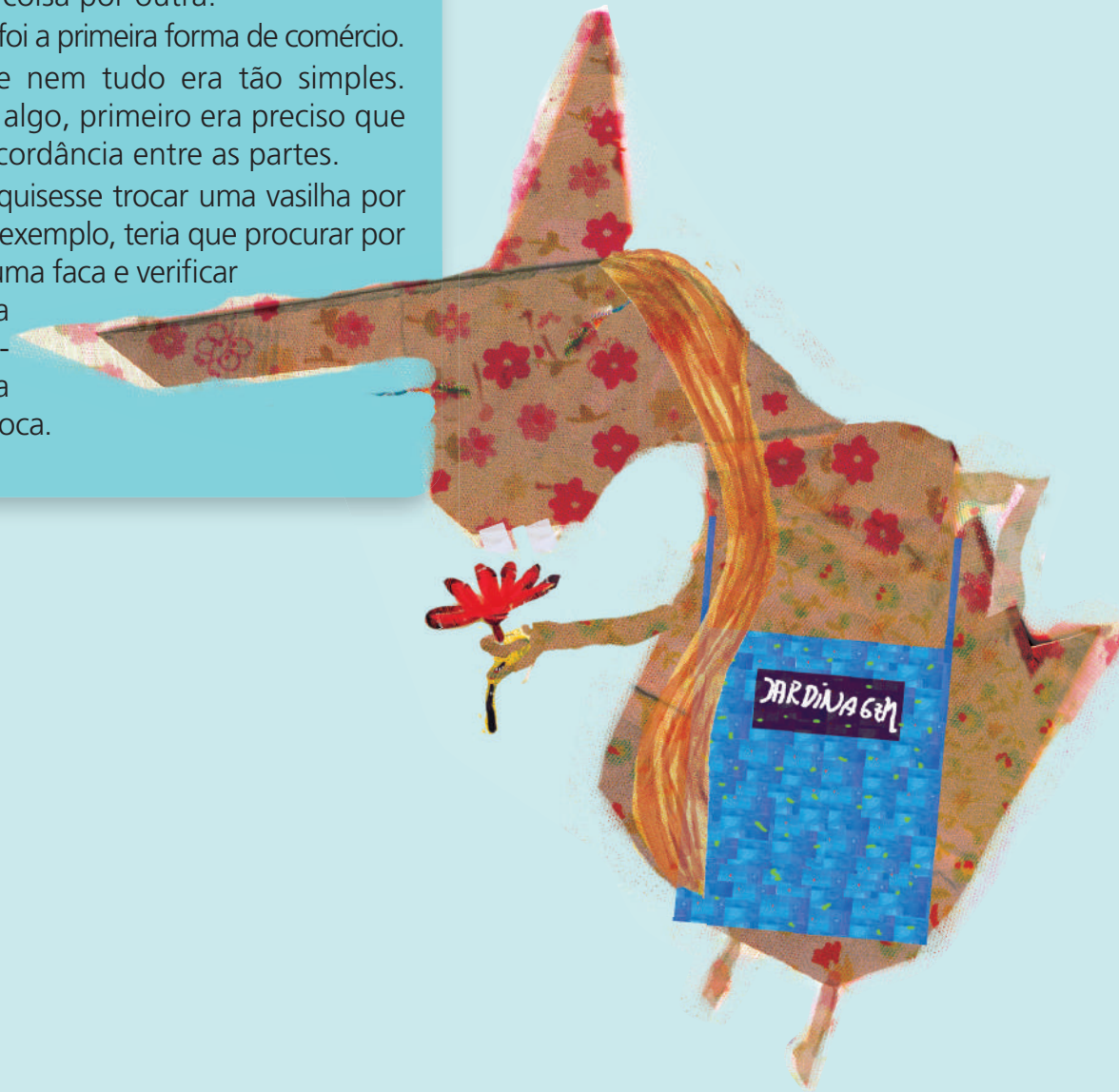
Há milhares de anos, os homens não precisavam de dinheiro. As poucas pessoas que existiam moravam em cavernas, cobriam os corpos com peles de animais e comiam aquilo que caçavam ou pescavam.

Mais tarde, quando o número de pessoas aumentou, formaram-se pequenas comunidades. Além da caça e da pesca, algumas pessoas passaram a se dedicar à agricultura e a produzir ferramentas, armas e vasilhas de barro para cozinhar.

Quando as pessoas de uma comunidade precisavam de algum objeto que não produziam, iam a uma comunidade vizinha e faziam a troca por coisas que não existiam por lá. Assim foi criado o escambo, que é a troca de uma coisa por outra.

O escambo foi a primeira forma de comércio. É claro que nem tudo era tão simples. Para se trocar algo, primeiro era preciso que houvesse concordância entre as partes.

Se alguém quisesse trocar uma vasilha por uma faca, por exemplo, teria que procurar por quem tivesse uma faca e verificar se essa pessoa estaria disposta a receber a vasilha em troca.





Às vezes o negócio acabava sem problemas:

– Tome a sua faca! Dê a minha vasilha!

Outras vezes, porém, não era interesse do dono da faca trocá-la por uma vasilha, e sim trocar por um colar de conchas do mar.

Então, o dono da vasilha, que queria a faca, teria que procurar alguém que possuísse um colar de conchas do mar e que quisesse trocá-lo pela vasilha. Em seguida, se conseguisse trocar a vasilha, voltaria à casa do dono da faca e, finalmente, faria a troca pelo colar de conchas do mar.

Como você pode ver, essa troca causava muita confusão. Por isso, as pessoas entraram em acordo para dar um valor a alguns objetos ou alimentos e poder trocá-los por aquilo que cada um quisesse ou de que necessitasse.

Assim, através do tempo e em diversas comunidades, certos objetos e alimentos, como conchas, plumas, tabaco, peles, pedras, sementes, cereais e sal foram usados como dinheiro para comprar e vender mercadorias. Quando alguém realizava um trabalho para outra pessoa, também podia receber em troca uma quantidade dessas coisas.

No Brasil, após a chegada dos portugueses, o pau-brasil passou a ser a principal mercadoria utilizada como instrumento de troca. Posteriormente, o pano de algodão, o açúcar, o fumo e o zimbo (tipo de con-

cha utilizada nas trocas entre os escravos) foram utilizados como moeda/mercadoria.

Muito antes da descoberta do Brasil, à medida que as comunidades cresciam e aumentavam as trocas entre diferentes povos, os metais – especialmente os metais preciosos, como a prata e o ouro – começaram a ser utilizados como instrumento de troca para facilitar o comércio. Isso porque além de serem muito desejados, por causa de sua beleza e dificuldade de obtenção – o que aumentava o seu valor –, eram muito resistentes e podiam ser divididos em pequenas partes.

Assim, os primeiros comerciantes viajavam carregando seus sacos de ouro e prata e algumas balanças, com as quais pesavam a quantidade necessária para comprar ou vender mercadorias.

O trabalho de carregar todo esse peso, porém, era complicado. Foi então que apareceram as primeiras moedas – peças de ouro, de prata ou de combinação dos dois metais. Essas moedas, em que eram inscritos seu peso e seu valor, eram marcadas também com os nomes, desenhos ou legendas dos governantes que as faziam circular em seus domínios.

Mas sair com um saco de moedas para comprar mercadoria não era uma boa ideia. As



estradas estavam cheias de ladrões. Então, os comerciantes encontraram uma solução. Começaram a depositar suas moedas na casa de uma pessoa em quem confiavam: o ourives, que era encarregado de trabalhar com o ouro e com os outros metais nobres. Ali, suas moedas estariam seguras.

Em troca das moedas que lhe davam para guardar, o ourives entregava um recibo no qual prometia devolvê-las quando o dono as pedisse. Sempre que comprava mercadorias, o comerciante ia à casa do ourives para retirar parte de suas moedas. Por sua vez, o dono da mercadoria recebia a moeda do comerciante e também a depositava na casa do ourives.

Os ourives estavam cansados de tanto dar recibos pelas mesmas moedas. Tiveram, então, uma grande ideia: em vez de ficarem entregando o ouro e a prata, era melhor que o comprador pagasse o vendedor com um recibo, que era, no final das contas, a prova de que o comprador tinha depósitos na casa do ourives. Essas foram as primeiras cédulas: recibos de papel que representavam uma quantidade de ouro e de prata.

Além de guardar o dinheiro, os ourives começaram a emprestá-lo a reis, governantes e outras pessoas, em troca de algum

benefício ou favor. Assim, muitos ourives se tornaram os primeiros banqueiros.

Durante muito tempo, os recibos dos ourives foram usados como cédulas, trocados pelo ouro e prata depositados nas arcas dos banqueiros. Hoje, continuamos usando cédulas, mas já não as trocamos por ouro e prata, como se fazia antes. Com elas, compramos as coisas de que precisamos ou queremos.

No mundo moderno, quase tudo tem preço. Se você quer, por exemplo, um chocolate, deve pagar o valor que o vendedor pede. A mesma coisa acontece com os outros alimentos que você come, com a roupa que você usa, com a luz que ilumina sua casa à noite, com a água que você usa para tomar banho e com o telefone que você usa para conversar com seus amigos. Como você pode ver, cada coisa tem seu preço, que se mede com o dinheiro. E, sendo o preço uma medida comum, expressa por cédulas e moedas, pode-se comparar o valor dos diferentes bens e serviços.

Pode-se guardar dinheiro para usá-lo de outras maneiras. As pessoas trabalham e, por seu trabalho, recebem o pagamento em dinheiro. Esse pagamento é chamado de salário. Com o salário que recebem, as pessoas pagam a comida, a roupa, o lugar onde



moram, a escola, a luz, a água e as demais coisas de que necessitam. Se, depois de todos esses gastos, lhes sobra algum dinheiro, elas o guardam em um banco, fazendo uma poupança para utilizar no futuro. Pode ser para comprar um carro novo, viajar, pagar um médico se ficarem doentes ou ainda para abrir um negócio próprio, como uma sorveteria, um restaurante ou uma fábrica de sapatos, e assim ganhar mais dinheiro.

Atualmente, além das moedas e das cédulas, existem outras formas de pagamento. Você se lembra de que os ourives entregavam aos comerciantes um recibo em troca do ouro e da prata? Da mesma maneira, se tivermos dinheiro em um banco,

poderemos receber um talão de cheques e um cartão de crédito. Com o desenvolvimento da informática, outras formas de pagamento passaram a ser usadas, como o pagamento eletrônico, feito também com cartão ou por computador. Não parece mais cômodo e seguro pagar assim?

O fato é que, quando uma família trabalha, usa bem o dinheiro e tem alguma poupança, pode viver melhor.

A mesma coisa acontece com os países. Por isso se diz que a verdadeira riqueza de um país é a capacidade de produção de seus habitantes.

Quanto mais eles produzirem, melhor viverão.



## Curiosidades

A palavra dinheiro vem do latim *denarius*, nome dado a uma antiga moeda romana. Essa palavra foi usada para denominar uma moeda de prata e cobre que circulava em Castilha, na Espanha; depois foi utilizada para todas as moedas e todo tipo de dinheiro.

A palavra troca vem do catalão *troc* e quer dizer “golpear”, “chocar”, por causa do choque ou aperto de mãos que os comerciantes se davam no momento de fechar um negócio.

A palavra comércio vem do latim *comercium*, formada com as palavras *cum* e *merx-cis*, que significam comércio de coisas miúdas ou de pouco valor.

Em geral, cada país tem sua própria moeda: no Japão, o iene; nos Estados Unidos, o dólar; no México, o peso mexicano; na Venezuela, o bolívar. No entanto, vários países do continente europeu, a exemplo de Alemanha, Espanha, França, Itália e Portugal, uniram-se, formando a Comunidade Econômica Europeia, e, a partir de 2002, adotaram uma moeda única para todos eles. Essa moeda chama-se “euro”. No Brasil, a moeda que utilizamos é o real.

A palavra moeda significa peça de metal, normalmente de formato circular, usada como meio de pagamento. Pode também ter um sentido mais amplo, significando dinheiro, englobando as moedas propriamente ditas e as cédulas.

O primeiro papel-moeda (as primeiras cédulas) foi utilizado na China, no século VII, há mais de mil anos.

As primeiras formas de dinheiro conhecidas são os lingotes (ou barras de metal), que eram usados na Babilônia há 5 mil anos.

A moeda foi inventada na Lídia, uma parte da Turquia atual, há uns 2.500 anos. Não era totalmente redonda e somente um dos lados era gravado.

O sal também foi usado como dinheiro em determinada época da história. Os soldados romanos eram pagos com sal. Daí a origem da palavra salário para definir o pagamento que os trabalhadores recebem de seus patrões.

O gado foi uma mercadoria muito utilizada como dinheiro. Era um tipo de dinheiro interessante porque se multiplicava quando as vacas davam cria; porém dava prejuízo quando ficavam doentes e morriam. Além disso, era uma moeda de difícil



transporte. Em latim, gado se chama *pecus*. Dessa palavra surgiu a expressão “valores pecuniários”, que até hoje significa “valores em dinheiro”.

Um dos benefícios que o aparecimento do dinheiro trouxe para as pessoas foi o de facilitar a vida daquelas que pretendiam guardar parte dos seus ganhos para gastar no futuro. É muito mais fácil guardar dinheiro que vacas, cereais, sal, que podem desaparecer repentinamente.

(Autorização para reprodução e adaptação concedida pelo Banco Central da Venezuela.

Gerência de Comunicações Institucionais:  
Mary Batista Lorenzo

Créditos da Publicação Original – Direção Editorial

Adaptado pelo Banco Central do Brasil – dezembro de 2002)

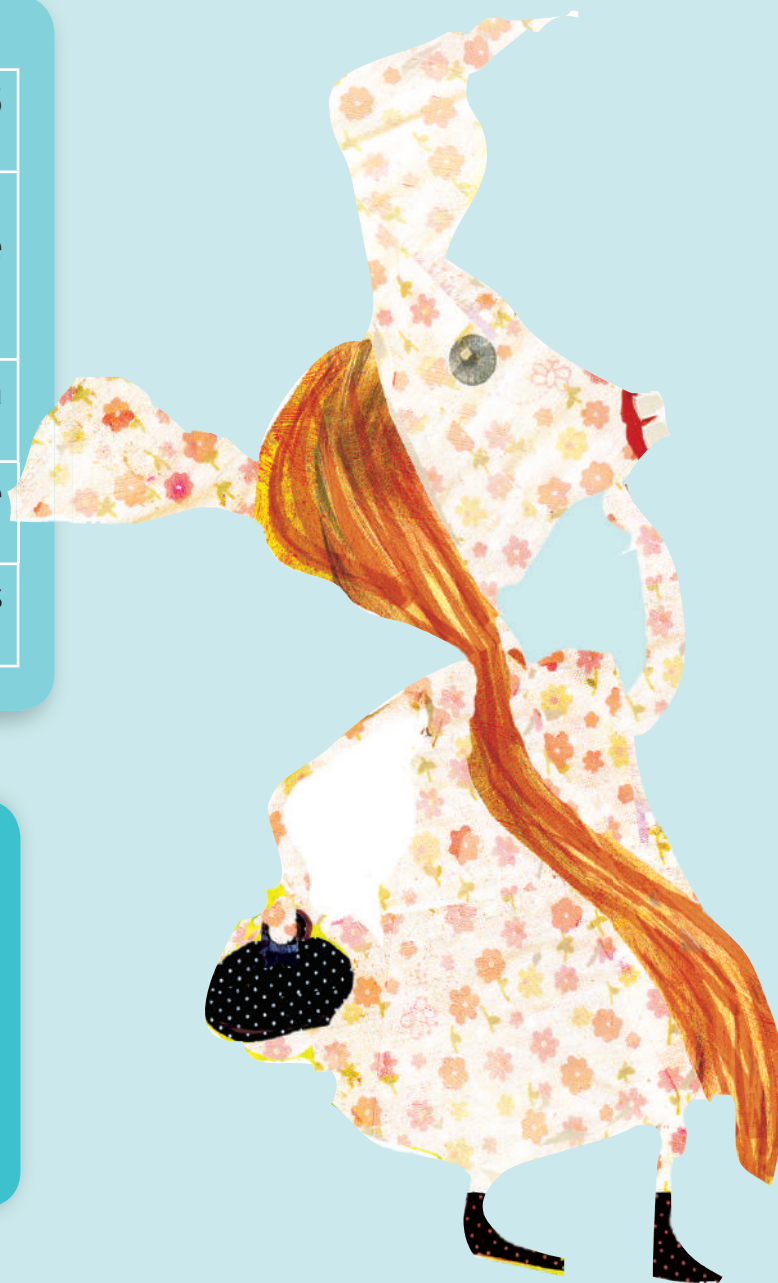


## Histórico das moedas no Brasil

<b>Real:</b> (plural: réis): do período colonial a 7 de outubro de 1833	<b>Cruzado:</b> de 28 de fevereiro de 1986 a 15 de janeiro de 1989
<b>Mil-réis:</b> de 8 de outubro de 1833 a 31 de outubro de 1942. (Obs.: o conto de réis equivalia a 1 milhão de réis, ou 1.000 mil-réis.)	<b>Cruzado novo:</b> de 16 de janeiro de 1989 a 15 de março de 1990
<b>Cruzeiro:</b> de 1.º de novembro de 1942 a 12 de fevereiro de 1967	<b>Cruzeiro:</b> de 16 de março de 1990 a 31 de julho de 1993
<b>Cruzeiro novo:</b> de 13 de fevereiro de 1967 a 14 de maio de 1970	<b>Cruzeiro real:</b> de 1.º de agosto de 1993 a 30 de junho de 1994
<b>Cruzeiro:</b> de 15 de maio de 1970 a 27 de fevereiro de 1986	<b>Real:</b> de 1.º de julho de 1994 até os dias atuais

## Inteligência emocional

Ter inteligência emocional significa não somente possuir os conhecimentos técnicos ou saberes intelectuais. É muito mais que isso. É ter o controle das emoções e aplicar a inteligência para obter êxito nos relacionamentos afetivos, sociais e profissionais. É ter amor-próprio e autoestima elevada. É desenvolver a capacidade de gostar do que se faz. É acreditar no próprio potencial. Ser capaz de gerenciar as emoções, produzindo um equilíbrio interno que se reflete numa eficaz capacidade de lidar com situações adversas e solucionar problemas. A inteligência emocional bem treinada e elaborada é a base propícia para a conquista da excelência, aprimorada com base numa associação favorável entre a razão e a emoção.





Vendem-se galinhas  
e ovos

### Bibliografia:

MICHAELIS – *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

ARGONDIZZO, Carmen. *Children in Action*. Hemel Hempstead, Inglaterra: Prentice Hall International Ltd., 1992.

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: Gostosas e bobices*. São Paulo: Scipione, 1989.

GOLEMAN, Daniel, Ph.D. *Inteligência Emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

WIKIPEDIA. [www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org).